

RESILIÊNCIA: ASPECTOS PSICOPEDAGÓGICOS E PSICOLÓGICOS

“Cabecinha boa de menino triste. De menino triste que sofre sozinho. Que sozinho sofre – e resiste” - Cecília Meireles

Stela Mares Mendel¹
Lúcia Belina Rech Godinho²

Os crescentes desafios da vida contemporânea se impõem e exigem do indivíduo o enfrentamento de situações e conflitos nas diversas áreas de sua vida, tanto nas questões pessoais e familiares quanto na sua vida escolar e profissional. Isso requer dele uma postura também de mudança, para o enfrentamento adequado das adversidades. É esperado que ele possa responder de forma coerente e consistente aos desafios e dificuldades do mundo, reagindo com flexibilidade e capacidade de recuperação, desenvolvendo uma real capacidade de resistência à frustração.

É Morin (2000, p.27) que nos adverte

“[...] uma nova consciência começa a surgir: o homem, confrontado de todos os lados às incertezas, é levado em nova aventura - é preciso aprender a enfrentar a incerteza, já que vivemos em uma época de mudanças em que os valores são ambivalentes, em que tudo é ligado”.

Essa reflexão nos remete ao estudo do comportamento resiliente e, do papel tanto da Psicologia quanto da Psicopedagogia como provedoras da resiliência, ajudando o sujeito a desenvolver autonomia, independência, novas alternativas para resolução de situações, aprendendo a lidar com as frustrações, ou seja, ajudando na superação das suas dificuldades. O presente estudo procura angariar elementos que evidenciem a importância dessas áreas do conhecimento como facilitadoras dos comportamentos e atitudes resilientes. O fenômeno e a capacidade de resiliência são referidos por Junqueira e Deslandes (2003) como a superação ou a adaptação diante de dificuldades com a possibilidade de construção de novos caminhos diante de situações

¹ Psicopedagoga Clínica e Institucional pelo UNILASALLE, professora de Educação Básica. E-mail: smares@ibest.com.br

² Psicóloga, especialista em Psicoterapia Psicanalítica, mestre em Psicologia Clínica pela UNISINOS, professora do UNILASALLE. E-mail: luciarech@terra.com.br

estressantes e / ou traumáticas. Portanto, parece que trata-se da capacidade de sair-se bem frente a fatores potencialmente agressores. Ou ainda o que Cyrulnik (2005) denomina como a capacidade auto terapêutica que algumas pessoas possuem frente ao sofrimento psíquico. Isso leva a pensar em como um indivíduo resiliente reage diante de traumas psíquicos ou no enfrentamento das dificuldades de aprendizagem que podem surgir ao longo do desenvolvimento emocional e cognitivo do indivíduo. A Psicologia é uma área tradicionalmente conhecida como promotora da saúde e, dentro dessa perspectiva, o profissional emprega seus conhecimentos a favor de condições satisfatórias de vida, na sociedade em que vive e trabalha. O trabalho do psicólogo é realizado nos mais diversos locais: escolas, hospitais, creches, orfanatos, empresas, sindicatos de trabalhadores, bairros, presídios, instituições de reabilitação de deficientes físicos e mentais, ambulatórios, postos e centros de saúde, entre outros (BOCK, 1999). Portanto, considerando esse vasto campo de atuação e seu objetivo, a Psicologia é, sem dúvida, uma área facilitadora da resiliência. Pinheiro (2004) reconhece que a Psicologia tem apresentado uma via teórica valiosa para compreender e discutir o conceito de resiliência que considera ser a capacidade de o indivíduo enfrentar as adversidades, ser transformado por elas e ter condições de superá-las.

A Psicopedagogia, de outro lado, é uma nova área de atuação profissional, que tem como objeto de trabalho o processo de aprendizagem e suas dificuldades, englobando vários campos de conhecimento, integrando-os e sintetizando-os. Segundo Bossa (2002), o psicopedagogo é o profissional que, reunindo conhecimentos de várias áreas, volta-se para os processos de desenvolvimento e de aprendizagem atuando numa linha preventiva e terapêutica. Segundo Fernández (2001, p. 22) a postura psicopedagógica que a sustenta é a de propiciar modalidades de aprendizagem que “potencializem possibilidades singulares de cada pessoa, oferecendo-lhe espaços em que possa realizar experiências com ensinantes que favoreçam esse processo”.

Andrade (2003, p.89) quando escreve sobre Psicopedagogia, diz que “ela vai tratar exatamente da possibilidade do sujeito aprender que ele é incompleto. O sujeito aprendiz vai aprender do ensinante a lidar com suas próprias castrações, com a sua incompletude.”

Ainda, segundo Andrade:

A Psicopedagogia vai trabalhar a gestação de espaços subjetivos e objetivos que possibilitam a autoria de pensamento. A autoria de pensamento pressupõe espaços de liberdade que se constituem a partir da aceitação das diferenças e do prazer em pensar. E se constitui na medida em que o sujeito possa conceber-se diferente do outro e sinta-se autorizado por este outro a diferenciar-se. O prazer estará na descoberta da possibilidade de criar um objeto sobre o qual terá posse, podendo ainda autorizar ou não que seja conhecido pelo outro. (2003, p. 19)

Como área de conhecimento, que se constitui interdisciplinar, a Psicopedagogia força a ultrapassar o limite do tradicional, a subverter posições correntes, a destituir representações simplificadoras, para recolocar-se como abordagem integradora, a partir de um eixo constituído pela vinculação indissociável entre conteúdo / forma e as bases epistemológicas na área de conhecimento em questão, aprendizagem e finalidades da educação.

Nessa concepção de educação, a Psicopedagogia se aproxima das exigências do panorama atual, aponta para uma perspectiva democrática, pautada pela proposição de formar indivíduos autônomos, criativos, críticos, solidários, capazes de aceitar desafios, discutir hipóteses, confrontá-las com o real, desenvolver trabalhos cooperativos (CHAMON, 2006). Neves (apud BOSSA, 2000) afirma que a Psicopedagogia estuda o ato de aprender e ensinar, levando sempre em conta as realidades internas e externas da aprendizagem, além de considerar também, os aspectos cognitivos, afetivos e sociais que lhe estão implícitos. Na concepção de Weiss (apud BOSSA, 2000, p. 20) ela “busca a melhoria das relações com a aprendizagem, assim como a melhor qualidade na construção da própria aprendizagem de alunos e educadores”.

Para Visca (1987) a Psicopedagogia possui como objeto de estudo, o processo de aprendizagem com seus recursos diagnósticos, corretores e preventivos próprios, no qual as disposições afetivas e intelectuais que interferem na forma de relação do sujeito com o meio influenciam e são influenciadas pelas condições sócio-culturais do sujeito e do seu meio. Alves e Bossa (2006) referem que a Psicopedagogia é um campo no qual floresceu o conceito de sujeito autor, é uma área de estudo interdisciplinar que olha para o sujeito como um todo no contexto no qual está inserido, que estuda os caminhos do sujeito que aprende e apreende, adquire, elabora, saboreia e transforma em saber o conhecimento. A concepção de sujeito autor como

aquele que constrói seu pensamento se faz presente através de um corpo que sente, existe, ama e proclama sua liberdade de ser, de estar e viver no eterno presente, no eterno agora. Podemos, assim, compreender que a Psicopedagogia ocupa-se em oportunizar ao indivíduo conhecer-se e perceber-se como um sujeito desejante e epistêmico. O indivíduo vai entrar em contato com o conhecimento, podendo assim assumir o lugar de quem aprende. Considerando os principais objetivos de cada uma dessas duas importantes áreas do conhecimento humano, podemos questionar qual a sua vinculação com a capacidade de resiliência do indivíduo, assunto que será abordado a seguir.

O significado de resiliência

Etimologicamente a palavra origina-se do latim *resiliens*, que significa voltar, recuar, romper, encolher-se, entre outros. Não obstante, *resilient* toma outro sentido na abordagem inglesa e assume outros dois significados. Yunes (2001) aponta que o primeiro se refere à habilidade de voltar rapidamente para o seu usual estado de saúde ou de espírito depois de passar por doenças, dificuldades, etc. O segundo se relaciona com a física e significa a habilidade de uma substância retornar à sua forma original quando a pressão é removida: flexibilidade. Remete à idéia de elasticidade e capacidade rápida de recuperação. Nessas definições encontramos que o termo se aplica tanto a materiais quanto a pessoas (PINHEIRO 2004).

O tema da resiliência, dentro das ciências humanas, ainda é relativamente recente, porém sua relevância frente ao estudo do desenvolvimento humano vem crescendo. Segundo Vargas (2009) o conceito evoluiu e adquiriu características que parecem permitir avaliar indivíduos de acordo com suas possibilidades de enfrentamento às adversidades. Para Yunes (2003), o processo de resiliência refere-se à classe de fenômenos caracterizada por bons resultados apesar de sérias ameaças à adaptação ou ao desenvolvimento. O significado da resiliência está relacionado com processos psicossociais, que favorecem o desenvolvimento sadio do indivíduo, mesmo quando este se encontra frente a adversidades e problemas. Muitos autores citam o termo flexibilidade interna para manejar dificuldades e conseguir re-

significar sua vida (PINHEIRO, 2004; YUNES & SZYMANSKI, 2001), traçando seu caminho através de saídas não depressivas.

Enfatizamos, também, Tavares (2001), que acredita que o estresse / destresse da sociedade ocidental causa constantes impactos nos indivíduos, seja pelo modelo de trabalho excessivo e estressante, seja pela pressão que o indivíduo sofre pelos modelos de sucesso e fracasso, seja por ter que atender a certos padrões e exigências sociais. Assim, refere que, para construirmos a resiliência, é necessário mudar a sociedade, tornando-a menos burocrática. Esse autor também contribui quando afirma que o desenvolvimento de capacidades de resiliência nos sujeitos passa pela mobilização e ativação das suas capacidades de ser, estar, ter, poder e querer, ou seja, pela sua capacidade de autoregulação e autoestima.

Ajudar as pessoas a descobrir as suas capacidades, aceitá-las e confirmá-las positiva e incondicionalmente é, em boa medida, a maneira de torná-las mais confiantes e resilientes para enfrentar a vida do dia-a-dia por mais adversa e difícil que se apresente. (TAVARES, 2001, p.52)

Trombeta e Guzzo (2002) acreditam que a resiliência só é possível quando existe um equilíbrio entre “fatores de risco” que são impactos ou situações desfavoráveis ao indivíduo, e os fatores de “proteção”, ou seja, situações favoráveis em sua vida. As autoras afirmam que esse conceito pode ser encontrado na Teoria do Apego de Bowlby (1969), ao atribuir o surgimento da resiliência às primeiras experiências da criança com a mãe, o pai e outros, sendo que as experiências positivas contribuem para a formação de personalidades saudáveis e resilientes. Já Moysés (2002) destaca o papel fundamental da autoestima positiva, para o desenvolvimento do indivíduo capaz de lidar positivamente com a adversidade.

De acordo com Pinto Júnior (2001), existe atualmente um consenso entre os teóricos de que a resiliência é um fenômeno dinâmico e relativo, pois as pessoas não são resilientes em todos os momentos e situações de sua vida. Segundo Koller (apud Pinto Júnior, 2001, p.43), a “capacidade de resiliência depende das características individuais e ambientais que podem variar ao longo da vida”. Cyrulnik (2003) considera que resiliência traduz um conjunto de fenômenos articulados entre si, que se desenrolam, ao longo da vida, em

contexto afetivo, social e cultural, podendo ser metaforicamente comparado à arte de navegar em meio à tempestade.

No entendimento de Tavares (2001, p.29):

A resiliência é a capacidade de responder de forma mais consistente aos desafios e dificuldades, de reagir com flexibilidade e capacidade de recuperação diante desses desafios e circunstâncias desfavoráveis, tendo uma atitude otimista, positiva e perseverante e mantendo um equilíbrio dinâmico durante e após os embates – uma característica de personalidade que, ativada e desenvolvida, possibilita ao sujeito superar-se e às pressões de seu mundo, desenvolver um autoconceito realista, autoconfiança e um senso de autoproteção que não desconsidera a abertura ao novo, à mudança, ao outro e à realidade subjacente.

Destacamos ainda, um conceito fundamental para se abordar o assunto no contexto escolar. Grotberg (apud Mellilo, 2005, p.15), define-a como “a capacidade humana de enfrentar, vencer e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidade”.

A resiliência vem sendo defendida como algo dinâmico, como bem explica Grotberg (apud Melillo, 2005, p.17) quando diz que “as situações de adversidade não são estáticas, mudam e requerem mudanças nas condutas resilientes”. Ao sustentar a noção dinâmica de resiliência, a autora define a interação de fatores resilientes advindos de três níveis: suporte social (eu tenho), habilidades (eu posso) e força interna (eu sou e eu estou). Esses fatores se interagem e estabelecem uma relação dinâmica, principalmente nas diferentes etapas do desenvolvimento.

Sem dúvida, resiliência é um conceito importante, com múltiplas possibilidades de aplicação, uma vez que pode contribuir para maior compreensão acerca do processo de construção do conhecimento, muitas vezes desafiado, pelas adversidades com as quais os seres humanos se deparam ao longo de sua existência.

A Psicopedagogia como possibilitadora de estruturas resilientes

Quando pensamos em autoria, pensamos em Psicopedagogia, uma área de estudo interdisciplinar que olha o sujeito como um todo em / no contexto no qual está inserido. Para Andrade (2003), a autoria de pensamento torna-se

possível porque os sujeitos se transformam mutuamente no encontro com o conhecimento.

Segundo Morin (2002), a partir do autoconhecimento, compreensão e aceitação do outro, o homem estará exercitando a autoética. Esta autoética sugerida pelo autor define-se em compreensão do outro, ou ética da compreensão. Exercitando a autoética através da reflexão, da autocompreensão, o homem estará exercitando sua autoria, sua sabedoria.

Para Fernandez (2001, p.90), a autoria de pensamento pode ser definida “como o processo ou o ato de produção de sentidos ou de sentimentos, e de reconhecimento de si mesmo como protagonista desta produção”. Neste sentido é preciso ressaltar a idéia de reconhecimento, pois aquele que não se reconhece capaz de autoproduzir, não poderá manter sua autoria. Ser autor é fazer e responder-se pela sua produção.

Nas idéias de Freire (2005), a autonomia é um processo resultante do desenvolvimento do sujeito, que se relaciona à sua capacidade de resolver problemas por si mesmo, de tomar decisões sempre de maneira consciente e pronto para assumir uma maior responsabilidade e arcar com as conseqüências de seus atos.

Scoz (2001, p.20) contribui afirmando que “o objetivo de toda intervenção psicopedagógica é abrir espaços subjetivos e objetivos, aonde a autoria de pensamento é possível”. Portanto a autonomia é sim importante, mas apenas quando ela é também relacional, pois somos sempre autônomos de alguém ou de alguma coisa.

Compreendendo o sujeito aprendente como autor de seu pensamento, ao incluí-lo num contexto sócio-histórico-cultural atualmente caracterizado pelo momento pós-moderno, faz-se importante compreender o papel do psicopedagogo como provedor de resiliência. Neste sentido, Grunspum (2005, p.28), contribui afirmando que “a resiliência pode ser desenvolvida e aquele que ajuda a desenvolvê-la é chamado de promovedor de resiliência”.

O aspecto especial e original do enfoque da resiliência, como afirmam Melillo et al (2005) é a ênfase na necessidade do outro como ponto de apoio para a superação da adversidade. Também contribuem afirmando que

[...] a resiliência se produz em função de processos sociais e intrapsíquicos. Não se nasce resiliente, nem se adquire a resiliência “naturalmente” no desenvolvimento: depende de certas qualidades do

processo interativo do sujeito com outros seres humanos, responsável pela construção do sistema psíquico humano. (2005, p. 61)

Um dado crucial com relação à resiliência é sua emergência como resultado de uma interação, algo que ocorre com o sujeito levando em consideração quem e o que está em seu entorno. Essa compreensão é importante, haja vista que não se pode ser resiliente sozinho. Um dos fatores necessários para o desenvolvimento da resiliência é o apoio e o acolhimento pelos membros de sua rede pessoal e social. Essas pessoas atuam como “tutores de resiliência” (Cyrułnik, 2004) ou “figuras de apego” (Bolwby, 2002). A resiliência sintetiza, na verdade, o resultado de intervenções de apoio, de otimismo, de dedicação e amor que perpassam as relações intra e inter-humanas. Como bem explica Melillo et al (2005) quando afirmam que diversos estudos demonstraram que certos atributos da pessoa têm associação positiva com a possibilidade de ser resiliente, como: controle das emoções e dos impulsos, autonomia, senso de humor, autoestima e a capacidade de compreensão e análise das situações.

Para Rubinstein (2006, p.34)

O psicopedagogo - da mesma forma que a mãe suficientemente boa - deve colocar-se em estado de devoção em relação ao seu cliente, adaptando-se suficientemente bem às necessidades dele, as quais vão se modificando e exigindo a modificação do atendimento”.

Este conceito, corresponde ao que Winnicott (apud Melillo et al, 2005) chama de mãe ou meio circundante suficientemente bom, em que “suficientemente” alude ao que não é perfeito e não absorve o potencial próprio da criança.

Segundo Cyrułnik (2004), qualquer pessoa pode “vir-a-ser” resiliente. As que conseguiram desenvolver um apego seguro ou comportamentos cativantes nos primeiros momentos de vida têm mais facilidade de metamorfosear seus sofrimentos; mas, mesmo as que não tiveram esse acesso poderão abrir suas asas, desde que tenham à sua disposição algum tutor de resiliência externo que pode ser o pai, a mãe, outro familiar, um vizinho, um professor ou um amigo, que se disponha a ouvir atentamente a criança, compreendê-la e, principalmente, aceitá-la. Esses tutores serão platéia ativa nessa encenação da vida real, protagonizada e dirigida por quem a viveu na prática.

Experiências de aprendizagem fazem parte do discurso da sociedade que aprende para ser. Claxton (2005) nos propõem três pilares do potencial para aprender: resiliência, desenvoltura e flexibilidade. Neste sentido, Sampaio (2005) afirma que o psicopedagogo pode ser um promovedor de resiliência ajudando o sujeito a desenvolver autonomia, independência, novas alternativas para resolução de situações, capacidade reflexiva, autoconhecimento. Assim, ele vai aprender a lidar com as frustrações, desenvolver a criatividade, aceitar e respeitar a si mesmo e aos outros. Torna-se fundamental neste cenário, que os aprendizes desenvolvam noções claras de sua personalidade, seus objetivos, suas possibilidades, sua história e a qualidade das relações que estabelece. A partir desse conhecimento é que as relações de autonomia tomam um cenário de importância, pois será através dela que a vinculação com o ato de aprender, em meio à diversidade, pode viabilizar as aprendizagens necessárias para que os aprendizes façam boas escolhas nesses tempos de incertezas e diferenças.

Face ao exposto, o papel do psicopedagogo é fundamental, contribuindo para a realização dos sujeitos enquanto seres autônomos, auxiliando-os na construção da própria identidade. São muitos os olhares voltados para a Psicopedagogia, no entanto alguns autores embora definam algumas características distintas, depositam um olhar semelhante, onde o que parece ser mais evidente é entender e “olhar” o sujeito em sua totalidade, como um sujeito que é peculiar e singular e que, portanto, necessita do contato com o diferente para poder socializar-se e aprender. É somente com o aprendizado, dia após dia, que nos tornamos autônomos. Porém, esta autonomia a ser alcançada não é aquela que leva o sujeito a uma total independência, pois o ser humano não é um ente isolado; ele é intrinsecamente um ser de relação (Martins, 2002). Ainda nessa ótica, segundo Azevedo (2000), desenvolver a resiliência, consiste em conhecer a história do indivíduo, procurar analisá-lo em seu contexto, para então intervir de maneira apropriada, buscando as razões capazes de motivá-lo e fortificá-lo.

Considerando o exposto, cabe ao psicopedagogo a possibilidade de ver um problema sob diversos ângulos, de ler o que não está escrito, de saber fazer as análises, e estar comprometido com a sua ação. Estar comprometido entende-se que é preciso pensar no coletivo, construir coletivamente que

sujeito queremos formar, conduzir amorosamente a sua atuação e ter segurança da sua prática profissional.

A Psicologia como promotora de resiliência

Atualmente muito se pesquisa sobre fatores de proteção e resiliência. No que se refere à área psicológica, cada vez mais se publica material a respeito do tema. A literatura especializada vincula, com frequência, o termo resiliência às situações de risco ou às adversidades que o indivíduo possa vir a enfrentar ao longo do seu desenvolvimento. Sapienza e Pedromônico (2005) afirmam que “a contemporaneidade faz deste um mundo complexo e cheio de problemas, que se acumulam em forma de riscos” (p. 209). Os mesmos autores mencionam que uma preocupação bastante atual é a identificação de crianças e adolescentes expostos a fatores biológicos, emocionais e cognitivos considerados de risco. Entre eles, estão: desnutrição, desemprego, pobreza, famílias desestruturadas e dificuldade de acesso à saúde e à educação. Individualmente, muitas outras variáveis podem ser consideradas de risco nessa mesma etapa da vida: depressão, ansiedade, trauma, estresse, distúrbios da conduta ou de personalidade, evasão escolar, problemas de aprendizagem, uso de drogas, violência familiar, abandono e maus tratos, entre outras. Porém, observam os autores, existem certos recursos pessoais que neutralizam ou atenuam o impacto do risco. Esses fatores protetores atuam como um escudo que favorece o desenvolvimento humano, mesmo em situações que pareçam sem esperança. Estabelece-se a superação. A resiliência está entre esses fatores de proteção. Os termos precursores do conceito de resiliência seriam “invencibilidade” e “invulnerabilidade”. Conclui-se que, na medida em que o indivíduo lança mão de seus recursos positivos para enfrentar as adversidades, a resiliência pode ser considerada fator de proteção para adaptar o indivíduo às exigências cotidianas.

Junqueira e Deslandes (2003) informam que as clínicas psicológicas e psicanalíticas há muito constatam que algumas crianças que sofreram traumas e maus tratos passam por esses eventos com sofrimento, mas sem apresentar o quadro de consequências usualmente apontadas na literatura especializada, lhes sendo possível encontrar caminhos de (re) construção de suas próprias

vidas. A experiência não seria apagada, ao contrário, ela poderá ser elaborada simbolicamente, fazendo parte da biografia do indivíduo e compondo um estoque de vivências que poderiam dar subsídios para seu fortalecimento diante de novas situações. As crianças resilientes são aquelas que superaram situações capazes de arruinar a maioria das crianças. Isso pode ser ilustrado através de um estudo desenvolvido com crianças sobreviventes da tragédia do Tsunami ocorrido na Indonésia em 2004. Um grupo de pesquisadores se propuseram a investigar os fatores que contribuíram para a resiliência de crianças e pré-adolescentes após o ocorrido. Das 50 crianças que vivenciaram a catástrofe, apenas 06 foram identificadas como resilientes e, entre os fatores que contribuíram para tal ocorrência, foram citados o envolvimento desses sobreviventes com o trabalho social local dentro da comunidade em que vivem. Apesar das perdas, esses indivíduos foram capazes de sobreviver com normalidade, participando das atividades escolares e religiosas, mantendo a capacidade de convivência com seu grupo de amigos e desenvolveram habilidades de relacionamentos saudáveis com seus cuidadores. Os resilientes se mostraram cooperativos nas atividades psicossociais, além de serem portadores de outros fatores internos de proteção como força psíquica, “bom coração”, flexibilidade, alta motivação religiosa, senso de humor e de auto responsabilidade. Portanto, conclui-se que a resiliência parece decorrer do somatório de fatores tanto externos quanto internos (HESTYANTI, 2006). Esse ponto de vista coincide com a idéia de Tavares (2001) que postula que a resiliência não se deve apenas a um atributo individual, mas pode estar vinculada à contribuição das instituições ou organizações. Antoni e Koller (2000) afirmam, a partir de trabalho realizado com um grupo de adolescentes abrigados em uma instituição pública, que o apoio emocional e a presença das redes de apoio parecem ser decisivos como promotores de resiliência. Esses adolescentes foram abrigados por terem sofrido maus tratos no contexto familiar: abuso físico, abuso emocional e abandono. Esse estudo identificou como fatores de resiliência o apoio emocional, as práticas disciplinares, as atividades em conjunto e a presença de redes de apoio. O primeiro fator é manifestado pelo sentimento de sentir-se aceito e amado pela família. Nesse processo estão implicados sentimentos decorrentes de compreensão, tolerância, respeito e diálogo dos pais com os filhos. O segundo fator refere-se

ao cuidado, à atenção e a orientação dos pais para com os acontecimentos da vida dos filhos. Por fim, as autoras apontam para a importância da aproximação entre as pessoas e a qualidade de suas relações. Por outro lado, entre os indicadores de risco que colaboram para as dificuldades familiares, elas mencionam como fatores decisivos: o descontrole emocional, a culpa, a falta de responsabilidade e de diálogo, drogas, ausência dos pais, violência doméstica e social e a ausência de redes de apoio.

Pinheiro (2004) cita várias personalidades da história mundial que passaram por adversidades em algum momento de sua infância e / ou vida adulta e, ainda assim, se destacaram em alguma área do conhecimento, de forma brilhante. É o caso de Bethoven, musicista, que compôs parte de suas obras-primas padecendo de surdez total. Da mesma forma, cita sobreviventes dos campos de concentração durante a II guerra, sendo que alguns tornaram-se famosos e inclusive, vieram a ganhar o prêmio Nobel. O grande questionamento parece ser: porque algumas pessoas, apesar do trauma e do estresse, conseguem manejar adequadamente a situação a que são submetidas? E porque outras se tornam tão vulneráveis? Para a autora, na sociedade moderna, as mudanças são cada vez mais rápidas e profundas, exigindo constantes esforços de adaptação. Portanto, a resiliência parece ser um desafio para o novo milênio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os achados na literatura apontam pontos-chaves da resiliência: pensamento e ação, percepção e autonomia. A resiliência e a autonomia aqui mencionadas atuam como forma do sujeito obter uma melhor qualidade de vida na superação da adversidade, envolvendo o contexto no qual estiver inserido. Portanto, um fator decisivo para tal refere-se ao meio social em que o indivíduo está inserido. Mas a resiliência não decorre de um fator isoladamente. Sem dúvida, pode-se concluir que a resiliência provavelmente tem a ver com a interação de vários fatores, é necessário levar em consideração os aspectos pessoais de cada indivíduo bem como os aspectos interacionais e, evidentemente, o impacto dos acontecimentos externos a que o sujeito é submetido em determinado momento de sua vida.

Neste possível contexto, tanto a Psicopedagogia como a Psicologia prestam inegável contribuição como fator de suporte, proporcionando a estabilidade e valorizando as significações internas do sujeito em seu meio sócio-ambiental. É possível pensar em uma sociedade mais humana, se tomarmos como parâmetros as relações vividas no âmbito psicopedagógico e psicológico. O sujeito que se faz autor poderá conquistar seus sonhos e, fortalecido pelo sentimento de resiliência, estará preparado para as muitas adversidades que, certamente, precisará enfrentar ao longo de sua vida.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Dolores Fortes; BOSSA, Nádia. **Psicopedagogia: em busca do sujeito autor.** 2006, Disponível em <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos,asp?entrID=809>>. Acesso em Out. 2009.

ANDRADE, M.S. **O prazer da autoria e a construção do sujeito autor.** São Paulo: Memnon, 2003.

ANTONI, C., KOLLER, S. Vulnerabilidade e resiliência familiar: um estudo com adolescentes que sofreram maus tratos intrafamiliares. *Revista Psicologia*, 31 (1), p. 39-66, 2000.

AZEVEDO, J. **Resiliência del adolescente e sus componentes emocionais durante su desenvolvimento.** Publicado no site: www.monografias.com. Lisboa, 2000.

BOSSA, Nádia. A. **A Psicopedagogia no Brasil: Contribuições a partir da prática.** 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

BOCK, A. M. B., FURTADO, O., TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia.** São Paulo: Saraiva, 1999.

BOSSA, Nádia. A. **Fracasso Escolar: um olhar psicopedagógico.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

BOWLBY, J. **Apego e perda: Apego - A natureza do vínculo.** São Paulo: Martins Fontes, 1969, vol. 1.

BOWLBY, J. **Cuidados maternos e saúde mental.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CHAMON, Magda. Metodologia do Ensino Superior: Formação docente e relação entre aprendizagem e métodos de ensino. In: CHAMON, Magda (org.). **Integração e Operacionalização da Práxis Psicopedagógica**. Belo Horizonte: Universidade FUMEC, 2006. v. 3.

CLAXTON, Guy. **O desafio de aprender ao longo da vida**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CYRULNIK, Boris. **El amor que nos cura**. Barcelona: Gedisa, 2005.

CYRULNIK, Boris. **Os patinhos feios**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CYRULNIK, Boris. **Resiliência, essa inaudita capacidade de construção humana**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

FERNÁNDEZ, Alicia. **O saber em jogo**: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento. Porto Alegre: Artmed, 2001

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 41 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GRUNSPUN, H. **Criando filhos vitoriosos**: quando e como promover a resiliência. São Paulo: Atheneu, 2005.

HESTYANTI, Y. R. Children Survivors of the 2004 Tsunami in Aceh, Indonésia: A Study of Resiliency. **Annals New York Academy of Sciences**, 1094, p. 303-307, 2006.

JUNQUEIRA, M. F. P. S., DESLANDES, S. F. Resiliência e maus tratos à criança. **Cadernos de Saúde Pública**, n. 19, p. 227-235, jan-fev. 2003.

MARTINS, A. M. Autonomia e educação: a trajetória de um conceito. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, p. 207-232, mar. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010015742002000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 out.. 2009.

MELILLO, A. et al. **Resiliência**: descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MORIN, Edgar. **O Método 5 - A humanidade da humanidade: a identidade humana**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MOYSÉS, Lúcia. **A auto-estima se constrói passo a passo**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2002. (Coleção Papyrus Educação).

PINHEIRO, D. P. N. A resiliência em discussão. **Psicologia em Estudo**, v. 9, p.67-75. 2004.

PINTO JUNIOR, A. A. O trabalho com crianças vítimas de violência sexual e doméstica: promovendo a resiliência – **Temas sobre Desenvolvimento**, v.10, n.56, p. 40-6. Memnon, 2001.

RUBINSTEIN, Edith R (org). **Psicopedagogia: Fundamentos para a construção de um estilo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

SAPIENZA, G. , PEDROMÔNICO, M. R. M. Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. *Psicologia em Estudo*. Maringá, v. 10, n. 2, p. 209-216, mai./ago. 2005.

SAMPAIO, Simaia. **A Psicopedagogia como promovedora de resiliência**. Disponível em:<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=725> Acesso em: 12 out. 2009.

SCOZ, B. (org), CANEPA, E.M. (org), BORGES, A.(org). GAMBINI. R.(org) **(Por) Uma Educação com alma: a objetividade e subjetividade nos processos de ensino e aprendizagem**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

TAVARES, J. A resiliência na sociedade emergente. In: J. Tavares (Org). **Resiliência e Educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

TAVARES, J. (Org.). **Resiliência e educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

TROMBETA, L.H. & GUZZO R.S.L. **Enfrentando o cotidiano adverso: estudo sobre resiliência em adolescentes**. Campinas: Alínea, 2002.

VARGAS, C. P. O desenvolvimento da resiliência pelas adversidades da escola. Disponível em <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspaçoAcademico/index>. Acesso em: 13 out. 2009.

VISCA, J. **Clínica Psicopedagógica: epistemologia convergente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

YUNES, M. A. M., SZYMANSKI H. Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In: TAVARES, J. (org). **Resiliência e Educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

YUNES, M. A. M. Psicologia positiva e resiliência: O foco no indivíduo e na família. **Psicologia em Estudo**, v. 8, 75-84. 2003.